

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XX JANEIRO A DEZEMBRO DE 1915 N.º 1 A 12

Novas figuras de guerreiros lusitanos, descobertas pelo Dr. L. de Figueiredo da Guerra

... en explorant la province espagnole de Galice et la province portugaise de Tras-os-Montes, on aurait beaucoup de chances d'en retrouver encore plusieurs (statues de guerriers lusitaniens). *Statues lusitaniennes d'style primitif*, par Pierre Paris (*Arch. Port.*, VIII, 1).

As duas novas estátuas, de que vou ocupar-me, já não estão inéditas em Portugal. O seu afortunado descobridor publicou um opúsculo assim intitulado: *Noticia do concelho de Boticas por Luis de Figueiredo da Guerra; Viana, 1911*, e, dando nele a noticia do descobrimento, no lugar de Campos, concelho de Boticas, de duas novas esculturas de guerreiros, ilustrou-o com as respectivas fotografuras. Mas a importância d'este achado não se coaduna com tam limitada divulgação¹. Além disto, as fotografuras dão uma idea insufficiente dos notáveis labores que ornão a vestidura militar das estátuas, de modo que nem sequer o mérito e a valia d'este descobrimento do illustre arqueólogo sobressaem devidamente.

Que, na história da arte ibérica, estas obras tem especial apreço, depreende-se das palavras com que o Sr. Pierre Paris acompanhou a referência ao torso de Cendufe (Arcos de Valdevez), no *Bulletin*

¹ Nas *Religiões da Lusitânia*, III, 615, pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, há também uma referência às duas novas estátuas, mas desacompanhada de gravuras.



Hispanique, XIII, 127-132¹, e este fragmento tem, incontestavelmente, menos importância que os descobertos, há dez anos, pelo Sr. Dr. Figueiredo da Guerra. É, pois, quasi num movimento de pundonor nacional, que venho ocupar-me destas duas estátuas em uma revista, que permuta com publicações de toda a Europa. Todas as honras do achado pertencem ao illustre arqueólogo minhoto, e, se é possível, eu apenas contribuo para lhas engrandecer e ampliar.

O Sr. Dr. Figueiredo da Guerra ocupa-se, a pp. 7 e 8 do seu curiosíssimo opúsculo sobre Boticas, das estátuas calaicas conhecidas e especialmente das duas descobertas no crasto de Lasenho, primeiramente expostas no jardim da Ajuda e agora no Museu Etnológico. Tem a mesma origem as de agora, se bem que o seu achado date de 1905, mas a brochura do Sr. Dr. Figueiredo da Guerra é de 1911. São bem escassas as palavras, com que aquele publicista se refere ao seu achado. Transcrevo de p. 8:

«Quando em Julho de 1905 visitámos o crasto de Lasenho, contaram-nos existir mais uma estátua², que se achava no próprio lugar de Campos³, e procedendo nós ao exame e desenho da maior, encontramos a outra, servindo de degrau a um casebre; ambas nos foram obsequiosamente cedidas e as fizemos transportar para a nossa casa de Viana, em 1909. Apresentam as couraças e saios ornamentados, medindo de altura 1^m,61 uma e a pequena 1^m,30». Vejam-se as estampas I e II.

*

Se as presentes esculturas tem, em confronto com as suas irmãs há mais tempo conhecidas, a inferioridade de serem decapitadas⁴, são mais importantes que elas pelo estilo da sua ornamentação. Já o que singularizou a de Cendufe foram os labores do saio e do escudo; as duas novas, porém, ultrapassam muito o merecimento daquela, porque o rude estatuário galaico se comprouve em abrir, no duro e áspero granito, gravuras que tem hoje para a sciência arqueológica uma inestimável importância.

¹ Diz o Sr. P. Paris da estátua de Cendufe: «elle est de première importance, et, toute mutilée qu'elle est, la statue mérite qu'on en répande l'image».

² [Além das duas aí encontradas, e que tinham vindo para Lisboa. O Sr. Dr. Figueiredo da Guerra era em 1905 juiz de direito nessa mesma comarca de Boticas].

³ [Este lugar fica a 700 metros do outeiro de Lasenho, *op. cit.*, p. 6].

⁴ As cabeças das duas estátuas da Ajuda não são postiças, mas formam um todo com o corpo.

Até agora, as outras estátuas conhecidas ou não tinham labores alguns, ou os tinham muito pouco perceptíveis, ou não se lhes ligava o devido reparo.

A estátua de Viana tem algumas gravuras, que não podem atribuir-se à adulteração de que foi alvo no séc. XVII, quando se pretendeu transformar o velho guerreiro lusitano em um lidador medieval¹. Observei a escultura do Pátio da Morte no Museu Municipal do Pôrto, onde ela se exhibe, e para aqui traslado algumas das notas que tomei.

O cinturão tem três passadores ou anéis, cuja gravura se destaca sobre o perfil, um pouco côncavo, desta peça do vestuário; é mais que provável que sejam antigos estes acessórios, principalmente depois de se estudarem as novas estátuas de Campos; é este o aspecto de cada um (fig. 1).

Sobre o peito há gravuras, que não podem deixar de ser primitivas; são *∞∞* em série, que do peito sobem aos hombros e se prolongam sobre as costas do guerreiro, de cada lado do vinco espinhal, até quasi ao cinturão. Assim (fig. 2).



Fig. 1



Fig. 2

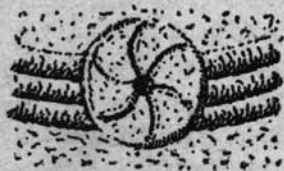


Fig. 3

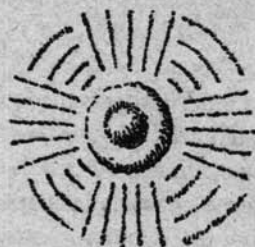


Fig. 4

Veja-se o que eu já disse no *Arch. Port.*, XIII, 219, nota 1.

No Museu de Guimarães, guardam-se também duas estátuas lusitanas, que foram descobertas por Martins Sarmiento.

A de Santo Ovídio de Fafe tem, a meio do cinturão sobre as costas, uma rodela ornamental, claramente relacionada com correspondente enfeite duma das estátuas de Campos; era decerto um florão metálico, que mantinha os três toros da cinta militar (fig. 3).

¹ *Exposição de arte ornamental do districto de Viana em Agosto e Setembro de 1896* (Viana, MDCCLXXXVI). Prólogo do Sr. Dr. Figueiredo da Guerra, p. 8.

O guerreiro de S. Jorge de Vizela apresenta um escudo ornado de gravuras; há uma reconstituição legítima, que certamente foi feita debaixo dos olhos de Martins Sarmento; eis o desenho que deixei no meu caderno (fig. 4). (Cfr. *Arch. Port.*, II, 31, fig. 2, e XIII, 218, e *Revista de Guimarães*, I, 185).

Escudo lavrado tem também o fragmento de Cendufe, cujo saial é todo recamado de gravuras (*Arch. Port.*, XIII, 204-205); mas o que ainda não foi notado, segundo creio, é que uma das estátuas da Ajuda, hoje no Museu Etnológico, segura um escudo com gravura igual à daquele, antigo motivo da época de bronze, como me parece ter ficado assente (*Arch. cit.*, p. 214), e, mais do que isso, a túnica desta mesma figura deixa ver, já meio apagada, uma série de desenhos em *∞∞* ou em torçal, na abertura da túnica sobre o peito e na direcção dum dos ombros.

Donde se pode concluir que esta escultura foi também realçada de gravuras, tendo a corrosão obliterado os traços¹.

O que é porém inegável, à vista do exposto, é que os lavores que ornam os dois guerreiros, descobertos em Campos pelo Sr. Dr. Figueiredo da Guerra, excedem em saciedade e valia o que até agora era conhecido de mais importante, e que se cifrava no torso de Cendufe com o saio ricamente lavrado e o escudo munido de gravuras².

*

Estudei em 1912 as duas estátuas de Campos, as quais o seu feliz e benemérito descobridor expôs no átrio da sua linda casa de Viana do Castelo, à Cancela da Areosa. Pousam as duas esculturas em modernos plintos de granito, cada qual munido de uma cavidade em forma de 8, destinada a receber os jarretes das estátuas, que se deffrontam uma à outra, aos dois lados da passagem coberta do átrio, tam característica de certas habitações portuguezas.

¹ As estátuas da Ajuda, que são contrerrâneas das de Campos, estão no Museu Etnológico, 1.º pavimento. Aquella, a que me refiro, é a que está do lado S. A outra, a do lado N., tem no escudo vestígios confusos de riscos, e num ponto parece ver-se um A, o que seria óptimo, como exclamaria Martins Sarmento.

Nesta última escultura, não é visível nem sombra de ornamentação, mas é curioso que, sobre a frente do arcaboço, está muito nitidamente representada a forma da região epigástrica e não se pode supor que isso correspondesse a meia nudez, porque se destaca também o V da abertura da túnica.

² A que me falta examinar é a apelidada o *Basto*. Sai-me da bôca a exclamação: ¿Que se terá perdido nas outras estátuas, de que apenas existe a notícia bibliográfica?

Os desenhos, que tracei à vista das próprias esculturas, são os que acompanham esta notícia ¹.

Estátua n.º 1 (Est. 1). — Assim desegno a que se encontra à direita de quem entra. O tipo geral da escultura, cuja cabeça não existe, é o mesmo de todas as outras; corpo esguio; relevos, embora bem acentuados, de pouca saliência; desproporções anatómicas flagrantes, bastaria comparar os diâmetros dos braços e das pernas; preocupação do escultor em indicar minuciosamente os acessórios, donde lhe resulta perder a noção relativa das dimensões. Para nós, actuais observadores, a ingenuidade da escultura não abate em cousa alguma a importância desta obra de arte primitiva, e o realismo dos acessórios ornamentais é o que nos interessa vivamente. Estes coroplastas anónimos sentiam o seu cinzel oprimido pela estreiteza dum pedaço de tóscio granito, donde nunca poderia sair obra alguma, que se distanciasse muito dum arcaico *xoanon*; desta forma o artista, compreendendo a monstruosidade da sua anatomia em presença dos modelos vivos, esforçava-se, com uma intenção verdadeiramente característica da sua mentalidade, por cobrir as superfícies disponíveis com gravuras que atraíssem o olhar admirado dos seus contemporâneos, desviando-o ao mesmo tempo das flagrantes infracções do cânone humano. Nestes produtos de escultura lusitana, adivinha-se que a habilidade artística do seu autor jamais foi iluminada ou educada pela contemplação de obras de arte mais perfeitas, como aliás nas mesmas épocas, até na península ibérica, já o cinzel indígena as sabia arrançar das pedreiras natais. O escultor lusitano tinha apenas diante de si o modelo vivo ou morto e o escasso calhau de grosseira rocha, e, no seu espírito, a treva da inspiração ingénua sem influência alguma educativa ou artística.

Desta situação resultava que a sua obra lhe ia avultando desarmonicamente debaixo de cinzel, com dimensões reais em um sítio, com proporções colossais em outro. Em todas as estátuas conhecidas, o escudo ou adarga apresenta à primeira vista o mesmo tamanho², que tem sido, desde Sarmento, confrontado maravilhosa-

¹ Aqui testemunho ao Sr. Dr. Figueiredo da Guerra a sua graciosa permissão para eu estudar e observar as suas valiosíssimas antigualhas, dentro da sua casa.

² Eis os diâmetros de algumas: da de Fafe, entre 0^m,48 e 0^m,50; das da Ajuda 0^m,45 e 0^m,48; da de Viana (alterado) 0^m,38 × 0^m,43; da de Capeludos 0^m,34; da de Cendufe (por cálculo) 0^m,40; das duas de Campos 0^m,40 e 0^m,44.

O escudo da estátua de Viana tem alterada a sua primitiva forma circular.

mente com a notícia estraboniana¹; a curta espada também não varia muito de umas para outras estátuas, nem quanto a dimensões, nem quanto a forma².

O guerreiro, que me ensejou estas observações, tem a mesma iconologia de todos os outros seus companheiros de armas.

Uma túnica, que lhe protege o arcaboço e as coxas, e sobre a tábua do peito fecha em bico³ reintrante ou descido, deixa ao léu os braços para se lhes enrolarem as manilhas, o pescoço para se lhe cingir o torques, que só existe nos da Ajuda, e as pernas colossais, de rótulas volumosas. Sobre o ventre, a adarga côncava, em cujo fundo se salienta o *umbo*, posição regulamentar, que uma lenda da estátua de Viana explica pelo movimento instintivo de «segurar as vísceras», a que foi obrigado o pretense cavaleiro medieval, ferido ao entrar o seu pátio⁴. Não tem gravura o escudo. Não há cabeça, nem pescoço, portanto nem vestígios de torques. Parece que algumas vezes a cabeça seria esculpida em outra pedra; contudo, nos dois guerreiros da Ajuda e no de Capeludos, as cabeças formam um todo com o corpo da estátua.

A túnica ou couraça é ornamentada nas costas; não pude porém desenhar a gravura pela proximidade em que a estátua se acha da parede, mas não perde a observação por isso, visto como o desenho é análogo ao da outra estátua e êsse pude reproduzi-lo à vontade. São conhecidas séries de *os os*, a que chamam *postes*. Nos dois braços, logo abaixo do ombro, três manilhas cilíndricas e contíguas dão singular carácter ao guerreiro lusitano. A anatomia robusta de um biceps vivo pareceu impressionar o escultor, que a deixou ingénuamente torneada na pedra.

O cinturão militar contrasta, pelo seu perfil saliente, com a estreiteza da túnica. São quatro grossas cordas ou correias contíguas, que duas passadeiras ou fivelas laterais⁵ mantêm em posição, e que na pedra estão indicados pela interrupção dos toros e por dois sulcos verticais paralelos, como se vê no lado que representei pelo desenho. A arma,

¹ *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, iv, 182.

² As do jardim da Ajuda medem na espada; 0^m,40 uma; 0^m,38 outra; a de Viana 0^m,40. Esta de Campos tem 0^m,38 e a fôlha 0^m,25.

³ Êste bico é também visível na estátua de Viana e nas duas do jardim da Ajuda (M. E. P.).

⁴ *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, iv, 191.

⁵ Uma das figuras da Ajuda tem duas passadeiras, outra tem três. Como disse, êste acessório existe também na estátua de Viana.

sobre que o guerreiro descansa a dextra, é uma curta espada, tam curta que mais parece um punhal triangular. Ambas as extremidades rematam por esferas e a bainha é constituída por uma chapa lisa, com duas aberturas trapezoidais a meio, que talvez deixassem ver a fôlha da arma.

No saial da túnica, reside o interêsse ornamental desta escultura. É dividida em três zonas horizontais e sobrepostas, de igual largura, por dois sulcos paralelos. A zona mediana é ornada com uma faixa de losangos obtidos por duas linhas em zigue-zague, que se cruzam. As zonas superior e inferior tem gravados *postes* em série, mas na frente a gravura está delida em consequência da sacrilega utilização moderna desta preciosidade. Devo ainda notar que o peitoral do guerreiro é liso e são as costas que tem labores. Não é decerto sem verdade, que o rude artista desta maneira lavrou a sua estátua. Acaso a gravura recaiu apenas sobre a parte do equipamento, que seria de lã tecida ou de coiro gravado, e o peitoral liso corresponderia a uma verdadeira couraça metálica.

Dimensões: altura da estátua n.º 1, 1^m,60; diâmetro do escudo, 0^m,44.

Parece-me impossível deixar de ver na arma, que o guerreiro n.º 1 de Campos empunha, um punhal de larga fôlha e bainha metálica, tipicamente aparentado com os da segunda fase Hallstatense¹. Esta correlação, que não representa sincronismo mas sobrevivência, conjuga-se bem com o tipo das fibulas dos nossos castros, as quais são quási sempre de apêndice caudal erecto (Déchelette, *Manuel d'Archéol. préhist., etc.*, II, 733, 687 e 655), o que as faz incluir na referida época.

É certo que na escultura, de que me ocupo, não se vêem antenas no punhal, mas estes também tem sido encontrados só com uma esfera, sem que haja motivo para os dissociar cronologicamente da espada de antenas ou do terçado curvo.

O comprimento desta arma na estátua n.º 1 é de 0^m,38. É curioso que esta dimensão é provávelmente a real, como a do escudo e dos próprios braços das estátuas. Na de Viana, a adaga tem cêrca de 0^m,40.

¹ A facies Hallstatense, que os espólios ibéricos da II idade de ferro revelam, é um fenómeno que tem sido observado bastantes vezes, e por isso não é de admirar que surja uma e mais vezes na arqueologia de Portugal (J. Déchelette, *Manuel d'archéologie*, II, 606).

Estátua n.º 2.—Mesmo tipo escultural; igualmente acéfala. Ombros fortes e elevados. Arcaboço liso e costas ornamentadas. Nos braços, as três armilas do estilo. A couraça fecha em bico sôbre o esterno, como na outra estátua. Ao longo da coluna vertebral, um vinco profundo, como se vê também na figura de Viana, na de Capeludos, e nas duas da Ajuda. De cada um dos lados, duas séries verticais de *postes*, que desaparecem nos ombros e, inflectindo sôbre o cinturão, não ultrapassam as ilhargas do guerreiro. O cinto está tratado segundo a realidade do modelo. Sôbre a sua parte mediana, aquêla que corresponde à coluna vertebral, há um florão interessantíssimo, que decerto, no equipamento, era metálico. É uma estrêla flamejante de seis raios. Do lado esquerdo (o representado no meu desenho), o cinturão termina em ponta triangular e, como ornamentação, de cada lado da estrêla, um sulco em arco de círculo volve-se ao longo do cinturão, orlando-o interiormente em baixo e em cima e reúnindo estes seus dois ramos, junto à extremidade ponteaguda, em ângulo correspondente. Dentro dêstes dois traços incisos, outros



Fig. 5

existem ainda paralelos, que terminam análogamente por um triângulo. O braço esquerdo, o punhal e parte do escudo estão mutilados, mas bem conservado está ainda o *umbo*, composto de duas semi-esferas sobrepostas que dão êste perfil, tal como em uma das estátuas da Ajuda (fig. 5). Neste exemplar, os braceletes estão algo apagados.

A ornamentação da túnica lembra em parte a do guerreiro de Cendufe. Traços incisos oblíquos, cruzando-se em ângulos agudos, formam um ornato reticulado em toda a volta e quasi toda a altura. Na orla inferior, uma zona de *postes* circunda a vestidura. O escultor acentuou com realismo a saliência das nádegas. Dimensões: altura da estátua n.º 2, fora do plinto, 1^m,20; diâmetro do escudo, 0^m,40 ou 0^m,45¹.

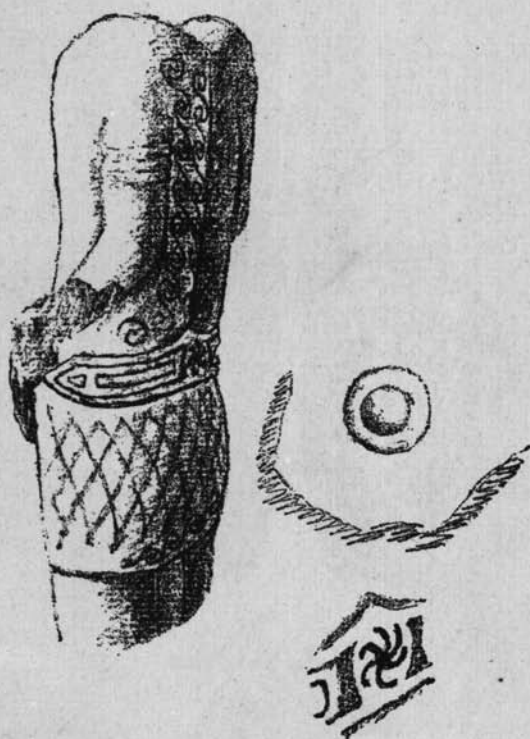
As estátuas de Campos tem armilas em ambos os braços; mas não succede o mesmo em todas. Na de Viana, o braço direito não tem êsse enfeite; o relêvo, que se vê na parte superior do braço, é a indicação da manga curta da túnica; no pulso do mesmo lado, porém, é que há um anel ou argola lisa, que não sei se corresponde a uma verdadeira pulseira, porque, no braço esquerdo, relêvo semelhante no pulso é em forma de aspa, pelo que tem mais jeito de ser uma

¹ Não pude medir a parte introduzida na pedra que serve de base; o Sr. Dr. Figueiredo Guerra diz, no seu opúsculo, que a altura total é de 1^m,30.



Estátua n.º 1 — Estampa 1

(Desenho do autor).



Estátua n.º 2—Estampa II

(Desenho do autor).

braçadeira; neste mesmo braço, sôbre o bíceps, a pedra está algo deteriorada, de modo que não se pode bem averiguar se existe bracelete ou simplesmente a orla da manga. Esta observação é importante, porque se observa também, sem sombra de dúvida, em uma das estátuas da Ajuda pelo menos, na do lado sul do pavimento I do Museu Etnológico Português. Nota-se, pois, que, em duas estátuas pelo menos, eu pude ver que sôbre o antebraço esquerdo há um relêvo em aspa, o qual decerto corresponde a uma correia, que o guerreiro enrolava no seu pulso e com a qual suspendia ou segurava em descanso o seu escudo; e esta explicação é legítima, porque, em uma dessas mesmas estátuas pelo menos, no antebraço direito, que é aquele que corresponde ao lado das espadas, não existe a mesma disposição¹. Ora Estrabão diz que o pequeno escudo lusitano era suspenso do pescoço por correias; conclui-se do exame destas figuras que, em determinadas ocasiões, essas mesmas correias ou outras eram enroladas no pulso do braço que segurava o escudo, e o escultor indicava uniformemente as voltas, que a correia dava em volta do pulso, da seguinte forma (fig. 6).



Fig. 6

As duas estátuas irmãs, do Museu Etnológico², não tem igualmente visíveis os tríplexes braceletes. Na do lado sul, êste enfeite destaca-se bem no braço direito; no esquerdo não, talvez em consequência de corrosão da pedra. Na estátua correspondente do lado norte, é no braço esquerdo que se reconhecem bem as três nervuras do bracelete e, logo acima, a orla da curta manga da túnica.

*

Descritos os ícones lusitanos, entrarei em considerações que êles me sugerem.

Quando me ocupei do torso de Cendufe, estudando a ornamentação da cetra lusitânica (*Arch. Port.*, XIII, 202), notei a identidade dêste desenho com o de numismas coloniais do tempo de Augusto, o que me levou a admitir que estas obras de tam rude escultura atingiam o séc. I a. C. Sem embargo, e nas minhas ideas está isso, elas pertencem a uma arte claramente pre-romana, que não se

¹ Digo pelo menos, porque o pulso direito está algo carcomido.

² No Museu Etnológico, além destas, há o tronco com cabeça da estátua de Capeludos e o torso de Cendufe.

pode só cingir ao séc. I a. C. Assim o pensa autorizadamente o Sr. Pierre Paris.

As novas estátuas de Campos vem muito em abônq desta doutrina com a sua rica ornamentação, e posso mesmo dizer que o fim principal dêste estudo de estátuas, cujo descobrimento felicíssimo pertence, com todas as honras inerentes, ao consagrado arqueólogo Sr. Dr. Figueiredo da Guerra, é pôr em evidência e instrutivo confronto o estilo das gravuras, que recamam as vestiduras dos dois ícones lusitanos, ao lado daquele que caracteriza, não só toda a arte ornamental das citânias portuguesas, mas a doutros artefactos, que eu, já em outras páginas, aproximei dos produtos daquela¹.

Podem coincidir, em parte, as obras ornamentadas dos castros com a época imperial, como quere o Sr. Déchelette, e existir mesmo alguma analogia de motivos², mas o que importa é reconhecer que a arte, que as inspirou, é na península especificadamente pre-romana e se revela em produções, que à influência romana ninguém pretenderá atribuir. Como síntese da minha observação, posso afirmar que o estilo, que revela a rica architectura das citânias, a cerâmica castreja, a ourivesaria das cidades, a torêutica das armas de Alcácer e até a gravura dos *obeliscos* alentejanos tem recíprocas relações, tam próximas e claras, que estes produtos não podem deixar de ser considerados contemporâneos, dentro de um legítimo âmbito de poucos séculos.

¿Será preciso aduzir muitos exemplos para mostrar a analogia dos ornatos em *postes*, que enriquecem as túnicas dos guerreiros de Campos, com alguns dos desenhos que embelezam as portadas citanienses? De Côto de Sabroso, da Citânia de Briteiros e da Cidade de Âncora são já muito conhecidas as pedras insculpidas com *∞∞* de traços simples, duplos e triplos³. Mas vou apresentar o lavor de uma pedra inédita de Castro de Cendufe, a qual, juntamente com outras da mesma proveniência, se encontra no Museu Etnológico Português⁴.

¹ *Arch. Port.*, XIII, 227, nota 1.

² Não é estranho encontrar parentesco entre motivos adoptados pelos romanos duma arte, que na Itália se elaborou e outros que influências da mesma origem trouxeram às costas da Ibéria.

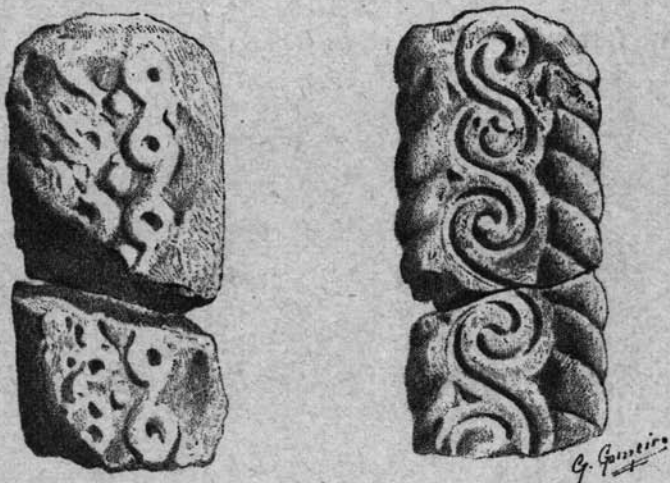
³ Veja-se E. Cartailhac, *Compte Rendu* du Congrès de 1880; *Portugalia; Renaissance*, etc.

⁴ Esta e outras entrarão na 2.ª Parte do meu *Novo material para o estudo da estatuária e architectura dos Castros do Alto-Minho*, começado em 1908 no vol. XIII do *Archeologo Português*.

A identidade está acima de toda a controvérsia. (Est. III)¹.

Se passarmos à cerâmica pre-romana recolhida nos castros, seria fácil estabelecer uma série de representações, que se concatenam necessariamente. Já Martins Sarmiento notara analogia entre a ornamentação da cerâmica e a das pedras (*Revista de Guimarães*, XXIV, 121)². E Ricardo Severo acrescentou o valor desta observação, na *Portugalia*.

Mas não me ocupo agora senão restritamente do desenho de ∞ , que, seriados de certa maneira, formam os chamados *postes*.



Estampa III

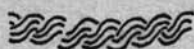
Na fig. 7 represento um fragmento cerâmico da cidade de Terroso (Póvoa do Varzim), no qual se vê um ornato de ∞ oblíquos, constituídos por triplice traçado, o que não modifica senão acidentalmente o estilo da ornamentação.

Na fig. 8 reproduzo a ornamentação de um caco de Sabroso, em que os mesmos ∞ aparecem singelos, aproximando-se mais dos *postes* típicos.

¹ Esta figura abrange dois desenhos, que correspondem a dois lados dum paralelepípedo de granito, ornado também nos outros dois, que não vem agora a propósito. Estes dois trabalhos são do saudoso lápis de G. Gameiro, e julgo-os obras primas no seu género.

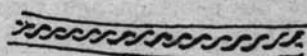
² A p. 117 dêste mesmo volume diz Sarmiento de uma pedra, cuja exacta proveniência se ventilava: «a ornamentação da pedra faz lembrar tanto a ornamentação da cerâmica, que para mim é dogma ser a pedra de Sabroso». Infelizmente não conheço toda a cerâmica destas duas estações das margens do *Avus*.

A mesma corrente artista revela-se na ourivezaria citaniense, que atinge por vezes um fulgor, a que ainda hoje não podemos deixar de nos render. Confronte-se o lavrado das túnicas dos nossos guerreiros com a torêutica das figs. 9 e 10 da notável armila de Lebução, (Valpaços), (*Portugalia*, II, est. I e II) e com a fig. 11 da arrecada do Afife (Viana), (*Portugalia*, II, 406).



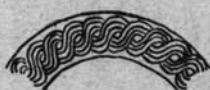
Ceramica da cidade de Terroso
(*Portugalia*, II, 614)

Fig. 7



Ceramica de Sabroso
(*Âges Préhist. par Cartailhac*, 279.)

Fig. 8



Armila de Lebução
(*Portugalia*, II, 1/est. I)

Fig. 9



Armila de Lebução
(*Portugalia*, II, 1, est. I e II)

Fig. 10



Arrecada de Afife
(*Portugalia*, II, 406)

Fig. 11

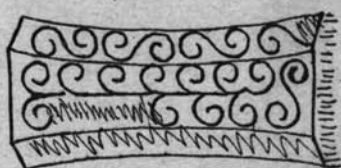




Fig. 12

As armas de Alcácer, que hoje estão valorizadas pelos descobrimentos do Marquês de Cerralbo na necrópole de Aguilar de Anguita (J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, II, 688), recamam-se de um trabalho siderúrgico, um gravado, outro tauxiado, que traduz as mesmas influências italo-gregas, de que atrás deixo entrecollidos exemplares. Viria a propósito aduzir aqui o que já assinalai no *Arch. Port.*, XIII, 227, mas agora quero restringir o confronto aos motivos ornamentais das duas estátuas de Campos e por isso selecciono o seguinte desenho (fig. 12), que representa a torêutica que orna um punho de

uma das adagas anteniformes de Alcácer, absolutamente análogas às espanholas. Compare-se a fig. 264 do *Manuel d'Archéologie*, de J. Déchelette, II, 689, com a fig. 19 do *Arch. Port.*, XIII, 224.

Mais flagrante é que, entre o espólio recolhido em Aguilar, figuram argolas de suspensão da *cetra* ibérica, ornadas com desenhos de  .

Nos celebrados estoques ou espetos de bronze, minuciosamente descritos por Estácio da Veiga, limitado é o reportório ornamental, mas suficientemente elucidativo para a tese de que me ocupo. Estes curiosos floretes de bronze, cuja verdadeira significação foi asinalada na *Revue Belge de Numismatique* (1909) por Svoronos, a respeito da Grécia, depois por J. Déchelette, na *Revue Numismatique* (1911), a propósito de sepulturas etruscas, pertencem cronologicamente na Itália aos séc. VIII-VI a. C. e, na Gália Cisalpina, à época de *La Tène* (*Manuel d'Archéologie*, II, 800)¹.



No Museu Etnológico Português, há três exemplares destes curiosíssimos utensílios; sendo um sem ornamentação e dois com ela.

O lavor ornamental, que se exhibe sobre o punho de um destes pseudo-espetos, é o da fig. 13, que directamente copiei. (Cf. Estácio da Veiga, *Antiquidades monumentais do Algarve*, vol. IV, est. XXV, e E. Cartailhac, *Âges préhistoriques*)².

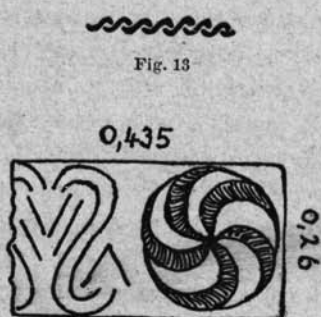
*

Não se encontra também isolado o pequeno desenho, que ocupa o florão dorsal do cinto militar. Compare-se o de uma das nossas está-

¹ Os espetos portugueses, que são de bronze, menos um que é de cobre, parecem, na opinião de J. Déchelette, II, 1416, nota 3, derivados do modelo greco-italico, e devem ser, embora da época do ferro, mais antigos que os de este mesmo metal, que se classificam na de *La Tène*.

² O *obeliskos* (assim se chamam estes protótipos da moeda, do óbolo), donde calquei o desenho, pertenceu a Teixeira de Aragão e, na estampa xxv do tomo IV das *Antiquidades monumentais do Algarve*, de Estácio da Veiga, estampa em que são figurados doze, este é o n.º 9. Desta série, tem labores em   três, isto é, os n.ºs 5.º (Museu de Évora), o 8.º (coleção que foi do defunto Rei D. Carlos) e este 9.º (hoje no Museu Etnológico Português). São todos de bronze, tirante um que é de cobre. Aqueles de que é sabida a origem, foram colhidos em sepulturas caracterizadas por epitáfios turdetânicos, o que nem assim desenganou Estácio da Veiga de que estas antigualhas, sem embargo da analogia com as cistas de Bensafrim, idênticamente epigrafadas e mobiladas com artefactos de ferro, são da época do ferro, *non obstanti* a sua substância metalúrgica. À dúzia de obeliscos das *Antiquidades Monumentais*, acrescem dois que pertencem ao

tuas com o de uma pedra da estação de Monte Redondo (arredores de Braga), e com outra das explorações das estações de Terroso e Laundos (concelho da Póvoa do Varzim); desenhei estes exemplares, um no Museu de Guimarães, outro no do Porto (fig. 14 e 15).



Castro de Monte-Redondo
(Museu de Guimarães)

Fig. 14



Pedra de Terroso ou Laundos
(Museu Munic. do Porto)

Fig. 15

Que os guerreiros lusitanos apareciam na vizinhança dos castros, já Martins Sarmento o afirmou em 1884 na *Revista de Guimarães*, I, 185; mas as estátuas de Campos, aliás encontradas junto da estação castreja de Lazenho, vem pôr em evidência que elas pertencem aos habitantes dos nossos ópidos, em cujas cabanas as portadas tinham uns lavores identificados com as vestiduras militares dos seus próprios donos.

Museu Etnológico Português, e são um da serra de Algeber (Cadaval) e outro de Figueiros (Cadaval).

Um destes, o de Algeber, teve também gravuras de estilo geométrico, com traços transversais paralelos alternados com outro em aspa, ornamentação tam da época do ferro e grecisante, que remata por uma legítima palmeta; o n.º 6 da estampa de Estácio da Veiga, que é dado como do Museu de Belas Artes, irmana-se com este pelo mesmo estilo ornamental.

Na linda cratera do Museu Etnológico Português (armário 16 do Pavimento II), vêem-se palmetas pintadas, que balizam dos lados a scena cultural. Duas das personagens, que nela figuram, sustentam uns utensilios, que não são senão os espetos utilizados nestas cerimónias do culto doméstico (*Déchelette, Manuel, etc.*, II, 797 e 800).—Tudo isto é genuinamente anteromano.

Não pode haver dúvidas, parece-me, a êsse respeito. O pre-romanismo dos guerreiros da Lusitânia, não tanto pelo que respeita à cronologia, mas sobretudo pelo que toca à arte e ao estilo, se demonstrado já estava, mais demonstrado fica, depois de associado ao pre-romanismo architectural, cerâmico e artístico dos próprios castros.

E o que, se me não iludo, fica assente, é que mais uma vez a arte ibérica, longínqua e complexa manifestação de influências principalmente helénicas, elaboradas pelas colónias do sul da Itália, e de lá transmitidas e aqui assimiladas, afirma a sua curiosa e rude individualidade na escultura militar do segundo período do ferro, nítidamente conjugada com a célebre architectura citaniense do NO. da Península Ibérica¹.

Mas, nestas rápidas páginas, propositadamente me restringi ao preciso motivo ornamental, que o estatuário do Castro de Lasenho gravou nas figuras aqui estudadas; se eu pretendesse alargar a demonstração de que o estilo revelado na architectura citaniense, além de ser especificadamente pre-romano, produziu manifestações concordantes na interessantíssima ornamentação das esculturas de guerreiros lusitanos, na cerâmica dos castros que elles povoavam, na joalharia preciosa com que se ornavam os seus habitantes, no armamento tauxiado de Salácia e nos próprios *obeliscos* de bronze do sul de Portugal, eu teria então ampliado e até fortalecido a comprovação da tese com o exame de todos os motivos geométricos, alguns ainda inéditos, que se encontram nos aludidos artefactos, e teria ultrapassado as fronteiras portuguesas actuais, para ir a toda a Espanha forragear os valiosos e abundantes elementos de estudo, que a arqueologia pre- e protoistórica dos últimos decénios já fornece para o estudo da arte ibérica.

¹ Não é muito de admirar que, na cultura do período de *La Tène*, se encontrem analogias palpitantes, em questão de motivos ornamentais, com os da arte ibérica, pois que a linhagem das duas correntes artísticas é idêntica: a Grécia e o Sul da Itália; mal podia succeder doutra maneira. Simplesmente o que há a favor da Ibéria, é a anterioridade da influência helénica, que aliás, mais tarde, deve ter-se sobreposto, na península, à da civilização de *La Tène*, como dois viandantes que outra vez se reúnem, depois de terem peregrinado, desde o ponto comum de partida, por caminhos diferentes.

Desde o séc. VI a. C. que, nas costas orientais da Ibéria, se vão depositando no solo produtos, que hoje indicam ao arqueólogo o tráfego comercial com regiões helenizadas ou a influência duma civilização estranha de origem grega, e a cultura de *La Tène* só no séc. V-IV se constituiu na Alemanha meridional. (Vid. J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, etc. II, 583, 628, 1007 e 1508).

Essa tarefa será objecto de outra notícia de carácter menos restrito do que esta, a que ponho aqui têrmo, submetendo-a ao juizo dos mestres, em cuja lição me vou educando.

Lisboa, Junho de 1915.

F. ALVES PEREIRA.

P. S.—Se não tivesse terminado a autorização para *separatas* gratuitas d-*O Archeologo*, êste estudozinho seria o n.º X da 2.ª série das minhas *Páginas archeológicas*.

Nótulas numismáticas

I

Moedas ibéricas

Em quási todas as colecções monetárias de Portugal estão representadas, em maior ou menor número, as *moedas antigas da Hispânia*, conhecidas geralmente pelo nome de *ibéricas*; no emtanto em raríssimas estão elas convenientemente classificadas e seriadas. Deriva esta falta da dificuldade, quási absoluta, com que lutam os coleccionadores, de poderem manusear os livros, que teriam de lhes servir de guia nos seus estudos¹. Os tratados especiais de numismática ibérica são de tam elevado preço que, na maioria dos casos, o custo de qualquer dêles seria superior ao valor das moedas que figuram nas co-

¹ Nalgumas colecções de moedas antigas da Hispânia, existentes no nosso país, estão elas classificadas e dispostas em conformidade com *Medallas de las Colonias, Municipios y Pueblos antiguos de España*, do P.º Henrique Florez. Mas êste sábio, merecedor do nosso respeito e admiração pelos seus trabalhos, não é no emtanto seguro guia para os não especialistas. Se os desenhos das moedas, que descreve na sua obra, são primorosos, e se foi feliz na leitura das legendas latinas, em cuja explicação se notam por vezes leves senões, igual felicidade o não acompanhou sempre na atribuição das cabeças e bustos, que nelas figuram, e além disso o terceiro volume, publicado no fim da sua vida, é muito inferior aos dois primeiros, e está maculado com o desenho e descrição de muitas moedas falsas, como demonstrou Delgado, as quais falsificadores gananciosos, abusando do seu estado valetudinário, resultado dos anos e da sua quási cegueira, lhe fizeram aceitar como autênticas. Demais toda a parte, que trata das moedas com legendas ibéricas, e das colónias fenicias e gregas, é deficientíssima, e o assunto foi tratado com pouca felicidade. Estas sombras, que se notam nas *Medallas, etc.*, em nada affectam a alta admiração, que todos consagram aos trabalhos do P.º Florez, que escreveu a sua obra — é bom frisá-lo — há mais de cento e cinqüenta anos, e que incontestavelmente foi o primeiro escritor que, em bases seguras, lançou os fundamentos da numismática da Hispânia.

[Vid. Hübner, *Arq. de España*, p. 188, e *Mon. Ling. Iber.*, p. vi].